

A justiça de Deus e a justiça de Jeová

A grande maioria dos cristãos afirma que o Deus Pai e Jeová são a mesma pessoa. Porém, ao analisarmos mais profundamente, veremos que suas personalidades e caracteres são bem diferentes. Jeová vangloria-se dizendo ser justo e que não há outro salvador (Is.45:21).

Ainda que Jeová fosse justo, não seria contudo modesto, pois se alguém é justo, os outros é que devem testificar e não ele próprio, porque o auto-juízo é suspeito.

Em Mq.6:5, Jeová conclama o povo de Israel a conhecer as "justiças de Jeová", lembrando-se de feitos passados e do livramento no Egito.

Porém, que justiça há em condenar um recém-nascido à morte simplesmente por causa do pecado de seu pai? Pois foi o que aconteceu ao filho que Davi gerou no adultério com Bate-Seba (II Sm.12:14). Que culpa teria aquela criança que não teve qualquer chance de salvação?

Da mesma forma, que justiça há em castigar os filhos por causa da maldade de seus pais até a terceira e quarta geração (Ex.20:5)? Que culpa teriam os filhos de gerações subsequentes por causa do pecado dos pais de gerações anteriores?

Que justiça há em privar um homem de exercer o sacerdócio simplesmente por causa de um defeito físico de nascença (Lv.21:21)?

Que justiça há em executar um homem que na melhor das intenções tentou evitar a queda da arca da aliança, que caía devido aos solavancos no trajeto do carro de bois que a transportava, simplesmente porque tocou a arca (II Sm.6:6 a 8)?

Que justiça há em permitir que uma jovem fosse sacrificada por seu pai por causa de um voto feito a Jeová (Ju.11:30 a 39), sem que Jeová pelo menos interferisse dizendo que aquilo não seria necessário para atestar a fidelidade do pai, como ocorreu com Abraão e seu filho que foi poupado (Gn.22:1 a 13)? Será que havia dois pesos e duas medidas?

Que justiça há em mandar apedrejar quem trabalhasse no Sábado, sem dar qualquer chance de arrependimento ao transgressor (Nm.15:32 a 36)?

Que justiça há em cegar os olhos espirituais do povo de Israel para depois cobrar-lhes a falta de visão (Is.7:9 e 10)?

Que justiça há em ordenar que Davi fizesse um censo em Israel e depois punir o povo com uma peste em que morreram 70.000 homens, porque Davi procedera tal qual lhe fora ordenado por Jeová (II Sm.24:1, 10 e 15)?

Que justiça é essa de Jeová que privilegia apenas os judeus se o verdadeiro Deus e Pai não faz acepção de pessoas ou de raças (At.10:34; Rm.2:11; Ef.6:9)?

A justiça de Deus é a mesma para os judeus e para os demais povos?

Entendo que quando Paulo disse em Ef.2:11 e 12 que "em tempos passados estávamos sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos aos concertos da promessa, isto é, longe de Deus (verso 13), ele está considerando que o privilégio dos judeus em relação aos outros povos era incontestável antes de Cristo. Praticamente todos os povos da Antiguidade viviam no politeísmo, enquanto que só os judeus eram monoteístas.

Jesus disse à samaritana que a salvação viria através dos judeus (Jo.4:22). É evidente que Jesus se referia à salvação através de si próprio, nascido e criado como judeu, e não através da lei ineficaz e obsoleta do VT (Hb.7:18 e 19). Os sacrifícios de animais eram apenas "sombrias" do verdadeiro e eficaz sacrifício de Cristo, o qual nos proporcionou uma eterna redenção (Hb.9:11 e 12).

Os judeus tinham a promessa de um Messias que os libertaria do jugo político através da força física. Jeová alimentou-os com essa perspectiva através dos patriarcas e

profetas, como vemos no Sl.110:5 a 7. Muitos dos discípulos de Jesus ainda tinham essa concepção quando o conheceram, como vemos em At.1:6 e Mt.20:21.

Jesus se identificou à samaritana como o Messias (Jo.4:25 e 26), porém não é uma Messias exclusivo para os judeus, nem veio simplesmente para libertar alguém pela truculência, pois o jugo que Ele se propõe a libertar as pessoas é o espiritual.

Cristo estava presente em espírito no deserto, como diz I Co.10:4, porém afirmou que o Maná enviado aos israelitas não era proveniente dele nem de seu Pai (Jo.6:32), e acrescentou que o seu alimento é eterno e não perecível como aquele pão que embolorava (Ex.16:20; Jo.6:48 a 51).

Os judeus tinham as promessas, mas nós temos as realidades. Os judeus tinham a lei em tábuas de pedra, mas nós temos o Espírito Santo (II Co. 3:3). Os judeus tinham a glória, os concertos, a lei, o culto e o Cristo segundo a carne, mas como diz Paulo em Rm.9:4 a 8, não são estas coisas que contam para efeito da adoção de Deus Pai como filhos legítimos.

A verdadeira justiça de Deus

A verdadeira justiça de Deus é Cristo (I Co.1:30), o qual é justo e justificador de todo aquele que nele crê (Rm.3:26).

A vontade do Pai é que ninguém se perca (Jo.6:39). O Pai gostaria que todos os homens se salvassem e viessem ao conhecimento da verdade (I Tm.2:4).

Embora a disposição do Pai seja sempre para salvar, Jesus disse que muitos procurarão a salvação, mas não encontrarão. Por causa disso, Ele recomendou esforço aos que quiserem entrar pela porta estreita (Lc.13:23 e 24).

O fato de vivermos na dispensação da Graça não nos isenta de obedecermos os mandamentos de Jesus, pois se alguém diz conhecê-lo e não guarda os seus mandamentos é mentiroso (I Jo.2:4).

Muitos preferem seguir o VT porque a Lei condenava apenas pelo que os homens faziam de errado. No Novo Concerto os homens são reprovados não somente pelo que fazem de errado, mas também pelo que deixam de fazer certo. Trata-se do pecado da omissão, tal qual vemos em Tg.4:17.

Os mandamentos de Jesus são mais difíceis para executar porque, enquanto a Lei condenava o adultério pela atitude, Jesus reprovava-o pela intenção (Mt.5:28). A Lei prescrevia a santificação do sétimo dia, enquanto que Jesus mandou vigiar todos os dias (Mt.24:36 a 44 e 25:13). A Lei mandava amar o próximo e aborrecer o inimigo enquanto que Jesus mandou amar os inimigos (Mt.5:43 e 44). A Lei mandava caminhar uma milha enquanto Jesus mandou caminhar duas (Mt.5:41) e assim por diante.

Jesus sempre deu liberdade aos discípulos para desistirem quando quisessem (Jo.6:66 e 67), embora sempre tenha procurado estimulá-los a prosseguirem (Jo.16:33).

Diante de tanta dificuldade e tantas exigências, os discípulos foram levados a questionar: Senhor, quem poderá então salvar-se? Jesus respondeu-lhe: Aos homens isso é impossível, mas para Deus tudo é possível (Mt.19:25 e 26 e Lc.18:26 e 27). Se nos submetemos a Ele, Deus é poderoso para nos guardar de tropeçarmos, como diz Jd.24.

Paulo afirma que Deus é fiel, não permitindo que sejamos tentados acima de nossas forças, dando para isso o "escape" a fim de podermos suportar as tribulações (I Co.10:13).

Se Deus tivesse elegido uns para a salvação e outros para a perdição, como dizem aqueles que defendem a predestinação calvinista, Ele não estaria sendo misericordioso e longânimo, como diz II Pe.3:9. Acontece que a opção não está em Deus, mas sim em cada homem, pois Ele não viola a nossa liberdade no livre arbítrio que todos temos para escolher o caminho que queremos seguir. No entanto, é óbvio que há um preço

para seguir a Jesus (Lc.9:23 e 14:27). Enfim, se o Pai fosse cumprir a justiça que realmente merecemos, há muito já deveríamos ter sido consumidos. Mas Ele é longânimo para conosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a se arrepender (II Pe.3:9).

Oswaldo Carvalho